

A AUTORA

Maria Aparecida Baccega

Professora Livre-Docente do Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP. Coordenadora do curso de Pós-Graduação *lato sensu* Gestão de Processos Comunicacionais.

DA COMUNICAÇÃO À COMUNICAÇÃO/EDUCAÇÃO¹

Evidencia-se, hoje, uma grande disputa entre os meios de comunicação, de um lado, e as tradicionais agências de socialização – escola e família –, de outro. Ambos os lados pretendem ter a hegemonia na influência da formação de valores, na condução do imaginário e dos procedimentos dos indivíduos/sujeitos.

Esse conjunto de relações que se estabelecem no imaginário de uma dada cultura, de um determinado grupo, é uma construção coletiva, na qual se baseia a memória social daquele grupo, e a qual a comunidade procura manter. Essa memória coletiva é que vai respaldar o modo que os indivíduos/sujeitos se vêem no confronto com o outro, a ação deles em relação aos demais e em relação às instituições. As relações imagéticas têm como base os corpos físicos. “Todo corpo físico pode ser percebido como símbolo (...). E toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico. Converte-se, assim, em signo o objeto físico, o qual, sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir e a refratar, numa certa medida, uma outra realidade”².

É nesse âmbito do simbólico/real que a disputa se institui, que a busca da hegemonia se dá. Aí se constrói o campo da comunicação/educação.

Nesse campo se constroem sentidos novos, renovados, ou ratificam-se sentidos com roupagens novas, sempre inter-relacionados à dinâmica da sociedade, lugar último e primeiro onde os sentidos verdadeiramente se constroem.

A sociedade funciona no bojo de um número infindável de discursos que se cruzam, se esbarram, se anulam, se complementam: dessa dinâmica nascem os novos discursos, os quais ajudam a alterar os significados dos outros e vão alterando seus próprios significados, nos momentos em que a materialidade do discurso-texto que circula é captada pelo enunciatário/receptor. Este lê/interpreta os discursos a partir do diálogo

1. As reflexões contidas neste artigo têm estado presentes nos vários números da revista *Comunicação & Educação*.
2. BAKTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988. p. 31.

com os demais discursos sociais. Essa dinâmica ocorre tanto em nível sincrônico como diacrônico. As permanências históricas, muitas vezes sob a forma de mitos, provérbios, estereótipos, valores *positivos* ou *negativos*, também constituem parte importante desse diálogo entre os discursos.

O universo de cada indivíduo é formado pelo diálogo desses discursos, nos quais seu cotidiano está inserido. E é a partir dessa materialidade discursiva que se constitui a subjetividade. Logo, a subjetividade nada mais é que o resultado da polifonia que cada indivíduo carrega.

CAMPO DA COMUNICAÇÃO

O campo da comunicação constitui-se a partir de uma multiplicidade de discursos que originam e configuram a unicidade do discurso da comunicação. O comunicador é o indivíduo/sujeito que o assume. Enunciador/enunciatário de todos os discursos em constante embate na sociedade, ele é o mediador da informação coletiva.

Se, por um lado, o comunicador tem a condição de *enunciador* de um discurso específico, ao produzi-lo ele estará, na verdade, reelaborando a pluralidade de discursos que recebe: ou seja, estará na condição de *enunciatário*. Ele é, portanto, *enunciador/enunciatário*.

O mesmo ocorre com o indivíduo/sujeito ao qual se destina o produto: *enunciatário* do discurso da comunicação, este indivíduo/sujeito é também enunciatário de todos os outros discursos sociais que circulam no seu universo, os quais ele mobiliza no processo da leitura/interpretação. Como a comunicação só se efetiva quando ela é apropriada e se torna fonte de outro discurso, na condição de enunciatário está presente a condição de *enunciador*. Ele é, portanto, *enunciatário/enunciador*.

Um desafio está contido nessa dinâmica: o campo da comunicação constitui-se de dois pólos básicos, que se intercambiam – de um lado, enunciador/enunciatário e, de outro, enunciatário/enunciador.

Tendo que incorporar o discurso dos vários outros que é cada um, resultado dos vários outros universos, compete ao discurso da comunicação procurar os “fios ideológicos” (expressão de Bakhtin) com os quais conduzirá a inter-relação entre eles, tecendo-se. Sua trama implica a dialogicidade, presente na polifonia, numa manifestação das relações macroestruturais com a vida cotidiana.

O *eu plural* deve tornar-se claro e manifestar essa clareza para o outro; fazer aflorar a importância dos indivíduos/sujeitos de ambos os pólos, na configuração das verdades, dos valores que permeiam o imaginário, dos comportamentos que estão presentes no cotidiano das pessoas, dos grupos, das classes sociais. São essas verdades, valores e comportamentos que, formando a consciência social, ideológica e estética, vão atualizar as manifestações dos produtos da indústria cultural.

O estudo desse campo incorpora os resultados das ciências, sobretudo as sociais. No processo mesmo de incorporação, temos um primeiro momento de *metassignificação*, vez que cada ciência se desloca de seu domínio de origem, com suas configurações, e passa a fazer parte de um outro. Mas há outros processos, configurando outros níveis

de *metassignificação*: ao compor o novo *campo*, cada ciência vai encontrar-se com outras que também aí figuram nas mesmas condições, ou seja, na condição de *metassignificação*, e vai dialogar com elas, reconstruindo-se, cada uma delas, nessa interdiscursividade. A interdiscursividade implica o diálogo com os outros discursos, ao mesmo tempo que revela a especificidade do discurso construído nesse processo.

A Sociologia, a História, a Filosofia, a Linguagem etc. ganham outra especificidade no diálogo interdiscursivo. Essa especificidade será, agora, não mais a que se prende ao domínio de onde provêm, mas aquela que, no confronto de cada ciência com as demais, permite-lhe distinguir-se.

Desse modo, a apropriação das ciências sociais para a constituição desse campo se dá num processo espiralado de metassignificações, que redundam, obviamente, em novas posturas metodológicas, a partir das quais se poderá dar conta da efetividade dos processos comunicacionais.

CAMPO COMUNICAÇÃO/EDUCAÇÃO

Aí está a base da construção do campo comunicação/educação como novo espaço teórico capaz de fundamentar práticas de formação de sujeitos conscientes. Trata-se de tarefa complexa, que exige o reconhecimento dos meios de comunicação como um outro *lugar* do saber, atuando juntamente com a escola e outras agências de socialização.

O encontro comunicação/educação leva a nova *metassignificação*, ressemantizando os sentidos, exigindo, cada vez mais, a capacidade de pensar criticamente a realidade, de conseguir selecionar informação (disponível em número cada vez maior graças à tecnologia, Internet, por exemplo) e de inter-relacionar conhecimentos.

O desafio, hoje, é a interpretação do mundo em que vivemos, uma vez que as relações imagéticas estão carregadas da presença da mídia. Trata-se de um mundo construído pelos meios de comunicação, que selecionam o que devemos conhecer, os temas a serem pautados para discussão e, mais que isso, o ponto de vista a partir do qual vamos compreender esses temas. Eles se constituem em educadores privilegiados, dividindo as funções antes destinadas à escola. E têm levado vantagem.

O campo da comunicação/educação é um dos desafios maiores da contemporaneidade. Não se reduz a fragmentos, como a eterna discussão sobre a adequação da utilização das tecnologias no âmbito escolar, quer em escolas com aparato tecnológico de primeira linha quer nas escolas de “pés no chão”, tendo em vista que a edição do mundo realizada pelos meios está presente em alunos, professores, cidadãos. Sua complexidade obriga-nos a pensá-lo a partir de conceitos tais como mediações, criticidade, informação e conhecimento, circulação das formas simbólicas, ressignificação da escola e do professor, recepção, entre muitos outros.

DO MUNDO EDITADO À CONSTRUÇÃO DO MUNDO

Hoje, o mundo é trazido até o horizonte de nossa percepção, até o universo de nosso conhecimento. Como não podemos estar presente em todos os acontecimentos, em todos os lugares, temos que confiar nos relatos. O mundo que nos é trazido pelos relatos, que assim conhecemos e a partir do qual refletimos, é um mundo que nos chega editado, ou seja, ele é redesenhado num trajeto que passa por centenas, às vezes milhares de mediações, até que se manifeste no rádio, na televisão, no jornal. Ou na fala do vizinho e nas conversas dos alunos.

São essas mediações – instituições e pessoas – que selecionam o que vamos ouvir, ver ou ler; que fazem a montagem do mundo que conhecemos.

Aqui está um dos pontos básicos da reflexão sobre o espaço onde se encontram Comunicação e Educação: que o mundo é editado e assim ele chega a todos nós; que sua edição obedece a interesses de diferentes tipos, sobretudo econômicos, e que, desse modo, acabamos por perceber até a nossa própria realidade do jeito que ela foi editada.

Editar é, portanto, construir uma realidade outra, a partir de supressões ou acréscimos em um acontecimento. Ou, muitas vezes, apenas pelo destaque de uma parte do fato em detrimento de outra.

Editar é reconfigurar alguma coisa, dando-lhe novo significado, atendendo a determinado interesse, buscando um determinado objetivo, fazendo valer um determinado ponto de vista.

Essa realidade outra que a edição constrói, reconfigura-se no enunciatário/receptor, com seu universo cultural e dinâmica próprios. Esse é o percurso da comunicação, desde a mais democrática, a que usa apenas o suporte do aparelho fonador, até aquela que a tecnologia possibilita: o relato, em tempo real, de fatos (escolhidos entre muitos) que acontecem em espaços distantes, na Terra ou no espaço.

Se o mundo a que temos acesso é este, o editado, é nele, com ele e para ele que se impõe construir a cidadania. O desafio, então, é como trabalhar esse mundo editado, presente no cotidiano, que penetra arditamente em nossas decisões e que, pela persuasão que o caracteriza, assume o lugar de *verdade* única.

Eis outro ponto importante no processo de reflexão sobre o campo Comunicação/Educação: já não se trata mais de discutir se devemos ou não usar os meios no processo educacional ou de procurar estratégias de educação para os meios; trata-se de constatar que eles são os educadores primeiros, pelos quais passa a construção da cidadania. É desse lugar que devemos nos relacionar com eles. E é esse o lugar onde temos que esclarecer qual cidadania nos interessa.

Afinal, são eles a fonte primeira que educa a todos os educadores: pais, professores, agentes de comunidade etc. Precisamos procurar entendê-los bem, saber ler criticamente os meios de comunicação, para conseguirmos percorrer o trajeto que vai do mundo que nos entregam pronto, editado, à construção do mundo que permite a todos o pleno exercício da cidadania.

Essa cultura da mídia se manifesta em um conjunto articulado e diversificado de produtos (pólo do enunciador/enunciatório chamado emissor) que entram em relação com o conjunto articulado e diversificado de vivências do enunciador/enunciatório, chamado receptor, cujo universo de valores, posto em movimento, ativa os significados dos produtos. Na verdade, a cultura da mídia não está no enunciador/emissor, não está no enunciatório/receptor: está no território que se cria nesse encontro, gerando significados particulares, que, se contêm interseção com cada um dos pólos, não se limitam a nenhum deles. Caso contrário, a mídia seria apenas *veículo* de significados e não *construtora* de significados. Sua complexidade reside exatamente no fato de, construindo significados no território que inclui cada um dos pólos – enunciador/emissor - enunciatório/receptor – ela exigir permanentemente a dialética entre o *já visto* e o *por ver*, ou seja, a *novidade* que responde pelas e alimenta as mudanças contínuas de identidade *versus* a estabilidade que cada grupo social busca em sua dinâmica. O único limite é o horizonte da formação social na qual estão e que inclui tanto o já manifesto quanto o ainda virtualmente contido como possibilidades a serem realizadas.

Por essas e incontáveis outras razões, podemos perceber como fundamental a construção do campo comunicação/educação. Ele inclui, mas não se resume a, educação para os meios, leitura crítica dos meios, uso da tecnologia em sala de aula, formação do professor para o trato com os meios etc. etc. Ele se rege, sobretudo, pela construção da cidadania, pela inserção neste mundo editado, com o qual todos convivemos, no qual todos vivemos e que queremos modificar.

O campo comunicação/educação constrói-se num movimento que percorre o todo e as partes, em intercâmbio permanente. Ou seja: do território digital a arte-educação, do meio ambiente a educação a distância, entre muitos outros tópicos, sem esquecer os vários suportes, as várias linguagens – televisão, rádio, teatro, cinema, jornal etc. Tudo percorrido com olhos da congregação dessas agências de formação: a escola e os meios, sempre no sentido da construção da cidadania.

MEIOS DE COMUNICAÇÃO E ESCOLA

Muitas outras temáticas compõem o campo da comunicação/educação. Para estudá-lo, é preciso estabelecer um diálogo mais amplo, com mais saberes. Sem transdisciplinaridade, o estudo da comunicação não ocorre. “Tentar desvencilhar-se delas [as disciplinas], identificando a comunicação a *uma* disciplina, é reduzir o *campo* a uma *parcela* que, por mais rica que seja, não poderá nunca deixar de ser um empobrecimento deformante e uma usurpação”³.

3. MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Prefácio*. In: BACCEGA, M. A. *Comunicação e linguagem*. Discursos e ciência. São Paulo: Moderna, 1998.

A Escola, ressignificada, é chamada mais uma vez, e sempre, para, no bojo dessa realidade, apontar caminhos de democratização. Um desses caminhos passa pela distinção entre a *informação*, fragmentada, e o *conhecimento*, totalidade que “inclui a condição de ser capaz de trazer à superfície o que é ainda virtual naquele domínio. Prevê ter claro que o virtual de um domínio nada mais é que o resultado da interdiscursividade de todos os domínios, possível naquela formação social; que os diversos fenômenos da vida são concatenados em referência à sociedade como um todo. Para tanto, as informações fragmentadas não são suficientes”⁴. E essa inter-relação só é possível pela transdisciplinaridade.

No campo da comunicação/educação circulam essas “situações novas que encontraram sua expressão teórica mais avançada em uma compreensão da *cultura como configuração histórica dos processos e das práticas comunicativas*. Essas que necessitam, mais do que nunca, articular os saberes quantitativos a um conhecimento qualitativo capaz de decifrar a produção comunicativa de sentido, toda a trama de discursos que ela mobiliza, de subjetividades e de contextos, em um mundo de tecnologias midiáticas, cada dia mais densamente incorporadas à cotidianidade dos sujeitos e cada dia mais descaradamente excludentes dos direitos das maiorias à voz e ao grito, à palavra e à canção”⁵.

Eis a importância do campo comunicação/educação. Nessa disputa estabelecida – entre meios de comunicação *versus* escola e família – não é possível haver ganhadores e perdedores.

Evidencia-se, cada vez mais, um intercâmbio das agências de socialização na construção da cidadania.

ARTIGOS NACIONAIS

Escola e televisão: para além dos antagonismos, de Iara Vieira Guimarães, vai lembrar que, “mesmo realizando a transmissão direta, a representação televisionada não é reprodução fiel do que ocorre na realidade”. O relato, editado, precisa ser entendido como tal por aqueles que o vêem. Clareia-se um dos papéis da Escola. Isso porque, segundo a autora, “não se pode negar à TV um potencial educativo, criativo e cultural”, de modo que esse meio “apresenta uma interferência ou inter-relação direta com a escola, pois os assuntos divulgados se inserem em menor ou maior grau na experiência de alunos e professores”.

E a imagem? Ela é apenas a ilustração “de um discurso que a precede?” É o que Anita Leandro vai discutir em *Da imagem pedagógica à pedagogia da imagem*. A autora retoma a obra *Imagem e Pedagogia*, de Geneviève Jacquinet, para ir mostrando os equívocos que, embora já apontados naquela obra, continuam a permear as relações pedagógicas com a imagem. Para a autora, é necessário “que o educador seja uma espécie de visionário, aquele que, literalmente, vê”.

4. BACCEGA, M. A. *Comunicação ...*, op. cit. p.112.

5. MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Prefácio*. op. cit.

“O papel dos meios de comunicação e da escola diante da realidade multicultural em constante e acelerado processo de transformação” é o foco do artigo de A.P. Quartim de Moraes, *Multiculturalismo e identidade: o papel dos meios de comunicação e da escola*. Defendendo “a unidade da condição humana na diversidade do indivíduo”, o autor aborda a influência de uma cultura sobre a outra, discutindo a questão da identidade cultural. Preocupa-se com “o enorme descompasso entre as importantes conquistas político-sociais somadas a essa fantástica evolução tecnológica da humanidade no século XX e a tradução desse grande progresso em termos de equivalente, efetiva e universal promoção humana”. Para ele, a escola, em sua nova fase, fundando-se em conceitos como aprender a aprender, tem muito a colaborar.

Quais as aproximações entre as atividades do professor e do compositor musical? É isso o que discutem Aguida C. M. Barreiro e Daniel Luís Barreiro, em *Compositor musical e professor: uma visão comparativa*. Segundo os autores, “ambos são encarados como profissionais criativos e responsáveis pela construção de suas habilidades através de uma postura reflexiva que se pautela pela não-cristalização de hábitos e pela exploração do desconhecido”. Para tanto, destaca-se “a importância da reflexão e da experiência para a construção do saber profissional numa perspectiva que não se coaduna com a estagnação criativa”.

Ciberespaço e violência simbólica, de Paulo da Silva Quadros, trata da banalização da violência, que, a partir do êxito garantido em outras mídias, já invadiu o ciberespaço. Segundo o autor, “não há preocupação com a qualidade, pois o lucro fácil é inimigo da sofisticação”. Para enfrentar essa situação, é fundamental “evidenciar a necessidade de se instituir na formação educacional das crianças, desde cedo, conceitos de valores individuais e coletivos firmemente enraizados e embasados a partir de uma matriz bem estruturada e construída através de alicerces de humanização”.

ARTIGO INTERNACIONAL

A disputa entre meios de comunicação e escola levou, no mundo todo, a uma grande preocupação com a leitura dos meios, ou seja, “a preparação das novas gerações para receber as mensagens dos meios massivos, especialmente da televisão”. Como avaliar a eficácia dos trabalhos desenvolvidos nesse sentido? É o que apresenta o artigo *Avaliação de metodologias na educação para os meios*, de José Martínez de Toda y Terrero. Ele trata da metodologia repetitiva, da radical, da progressista, da celebratória, apresenta a Teoria Integrativa da Audiência e dá pistas de procedimentos metodológicos.

ENTREVISTA

Fernando Faro, diretor e produtor de TV, com cuja criatividade vêm sendo brindados os telespectadores há várias décadas, é o entrevistado desse número de *Comunicação & Educação*. A entrevista realizada por Roseli Fígaro, *Por uma TV de vanguarda*, dá a palavra a Faro que nos leva por caminhos de integração de linguagens, de história dos meios de comunicação, de lembranças de pessoas que fizeram a história da música, do teatro e da televisão no Brasil. Vale a pena ler.

CRÍTICA

Venturas e desventuras do teatro brasileiro, de Izaías Almada, é o texto de crítica deste número. Fazendo o caminho do particular para a totalidade e desta novamente ao particular, o autor nos apresenta uma análise do teatro contemporâneo, a partir das palestras do evento *Odisséia do teatro brasileiro*, realizado no Teatro Ágora de São Paulo, no segundo semestre de 2000, contando com a presença das várias gerações de homens e mulheres que escrevem a história do teatro brasileiro.

DEPOIMENTO

Quem nos conta o outro lado dos meios de comunicação neste número é Maísa Zakzuk, que dirige o programa *X-Tudo* e é uma das diretoras do programa *Ilha Rá-tim-bum*, em fase de produção, ambos da TV Cultura. Em *TV: uma caixa de sonhos e surpresas*, ela nos conta do despertar de sua vocação, das várias funções que exerceu nas equipes de televisão e discorre sobre televisão e público infanto-juvenil.

EXPERIÊNCIA

Maria Ângela Cordeiro Guimarães, em *Diversidade de linguagem no trabalho didático*, mostra a importância de se utilizarem as várias linguagens para o estudo das temáticas na Escola. No caso, a música, o jornal, entre outros textos, foram usados para a discussão sobre o ciclo da água, compondo o tema transversal Meio Ambiente. “Da sensibilização através da música à introdução de temáticas do cotidiano, através do texto jornalístico, até os conteúdos organizados pedagogicamente nos textos dos livros e do audiovisual dos filmes, tem-se um percurso com diferentes atrativos, acionando o processo perceptivo da criança e seu engajamento.”

POESIA

Carlos Drummond de Andrade é o escolhido para, neste número, nos brindar com a riqueza de suas poesias. *Os ombros suportam o mundo* e *Mãos dadas* são trabalhos do livro *Sentimento do mundo*, publicado em 1940, e nos espantam pela atualidade, falam muito deste tempo.

SERVIÇOS

Vivaldo Luiz Conti, gerente de atendimento e disseminação de informação da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – Seade, dá uma visão geral sobre a história e os serviços que esta Fundação presta ao Estado de São Paulo. Como afirma o autor, o Seade busca “captar e analisar a realidade paulista em seus mais diversos aspectos: atividade econômica, condições de vida, mercado de trabalho, população e indicadores municipais e setoriais.”

VIDEOGRAFIA

Maria Ignês Carlos Magno preparou para a seção *Videografia* uma proposta de trabalho em sala de aula pautada pela busca do conhecimento através da pesquisa. Os filmes que propõe abrem perspectivas temáticas que levam o aluno e o professor a colocarem em prática a máxima *aprender a aprender e aprender a fazer*.

BOLETIM BIBLIOGRÁFICO

Bibliografia sobre telenovela brasileira, Bibliografia sobre Comunicação e Educação e Endereços úteis na Internet dão dicas e sugestões para aqueles que querem estar sintonizados com as pesquisas do campo da Comunicação.

ATIVIDADES EM SALA DE AULA

Ruth Ribas Itacarambi faz sugestões sobre como utilizar os artigos deste número de *Comunicação & Educação* no trabalho em sala de aula. Ela intercala leitura, pesquisa e debates para estruturar dois projetos didáticos, ajudando o professor a objetivar atividades transdisciplinares.

Resumo: A autora enfoca a constituição do campo da Comunicação/Educação. Destaca que ele nasce do campo da Comunicação, cuja característica principal é o embate dos diferentes discursos sociais. No campo da Comunicação é que se configuram os processos da edição da realidade, mediada pelos discursos dos meios. Discute o campo da Comunicação/Educação como metassignificação de um novo espaço teórico, no qual a transdisciplinaridade se mostra indispensável. Sem ela não é possível abarcar a complexa rede de tarefas para a formação de cidadãos, objetivo primordial da escola.

Palavras-chave: comunicação/educação, transdisciplinaridade, campo da comunicação, enunciador/enunciatório

(From communication to communication/education)

Abstract: The author focuses on the constitution of the Communication/Education field. She emphasizes it was born out of the Communications field, which has as its main characteristic to fight against different social discourses. The Communications field is where the processes of editing reality takes place, and this is mediated through medium discourses. She discusses the Communication/Education field as the meta-meaning of a new theoretical space in which trans-disciplinarity is revealed as indispensable. Without this field, it would not be possible to deal with the complex network of tasks that are necessary to form citizens, something that is the main objective school has.

Key words: communication/education, transdisciplinarity, communications field, enunciator/enunciatory